

Bancos voltam a exigir ida ao FMI e criam impasse

Roberto Garcia
Correspondente

NOVA IORQUE — O relacionamento do Brasil com o Fundo Monetário Internacional voltou ao centro das negociações com os bancos estrangeiros para acabar com a moratória. Incertos da capacidade de o governo executar uma política econômica prudente a curto e médio prazo, os credores estão exigindo um compromisso formal de submissão ao FMI antes do fim do ano. Por sua vez, a equipe brasileira chefiada por Fernão Bracher vem argumentando que esse tipo de compromisso é insustentável politicamente e pode derrubar o governo Sarney caso seja assinado.

Bracher e sua equipe passaram a maior parte do dia ontem no escritório da firma de advocacia do Brasil, Arnold and Porter, enquanto os banqueiros passaram reunidos nos escritórios dos assessores jurídicos do Citibank, Sherman and Sterling. Por volta das 16h, os banqueiros mandaram um novo rascunho de acordo para ser examinada pelo grupo brasileiro. Só no cair da noite os dois grupos se reuniram numa sessão de negociação. Um porta-voz dos credores informou que "se houver acordo ele só será anunciado muito tarde."

No décimo sexto dia de discussões, representantes do dois lados continuavam negando-se a explicar as razões de demora para conciliar as diferenças ainda existentes. Um assessor de Bracher confidenciou que "os bancos continuam duros, empidernidos. Cada vez que fazemos uma concessão, eles surgem com uma nova exigência". Por sua vez, um banqueiro disse que "não podemos estender novos empréstimos se não temos garantias de que o governo adotará a política necessária para produzir os recursos para cumprir seus compromissos".

Em certos momentos, dificuldades que um dos lados já consideravam superadas são reabertas quando o texto dos documentos é discutido. Nesses casos, idéias e conceitos a respeito dos quais parecia haver consenso viram novos entraves quando são colocados por escritos e tem que ser compatibilizados com o corpo de todo o contrato. Um exemplo disso é a decisão já tomada sobre a taxa

de juros que incidirá sobre o depósito que os bancos farão na conta em caução na Suíça. O acordo diz apenas que essa taxa será determinada em negociações posteriores.

O cansaço está evidente tanto na equipe brasileira quanto entre banqueiros. Alguns credores querem um acordo rapidamente a fim de evitar descrédito para os prazos estabelecidos pelo próprio governo americano para forçar os devedores a pagar. Outros insistem em compromissos adicionais por parte do Brasil que não dependam da permanência do presidente José Sarney na chefia do governo.

Às vezes, as notícias vindas do Brasil atrasam as negociações. Nos últimos dias, principalmente, as deliberações da Constituinte têm levado muitos banqueiros a achar que precisam algo mais que a palavra da atual equipe econômica e do presidente Sarney para estender novos créditos ao país, mesmo que esses créditos estejam destinados ao pagamento de juros aos bancos. "Se nem os ministros do governo nem os constituintes sabem quanto tempo esse governo vai ficar ou que condições terá para honrar seus compromissos, por que é que bancos estrangeiros vão fazer apostas tão arriscadas?", perguntou um negociador dos bancos, à guisa de justificativa de sua atitude dura.

Um alto funcionário brasileiro aconselhou jornalistas a não tirarem conclusões negativas por causa da demora das negociações, dizendo que "negociação só acaba quando acaba. Não adianta ficar nervoso. Se você estabelece prazos antes da hora, acaba tendo que concordar com as condições do adversário só para atender prazos irreais". Ele afirmou também que "só vamos fechar um acordo quando nossas condições tiverem sido atendidas. Se os bancos têm os prazos fixados por eles próprios ou pelos respectivos governos, isso é problema deles e não nosso".

Outro negociador brasileiro acrescentou que "dias atrás o Gorbachev concordou em assinar um acordo sobre armas nucleares em Washington, depois deu para trás e mais tarde voltou à posição original. Nas negociações com os russos os americanos tomaram todo o tempo que acharam indispensável para ficarem satisfeitos. Por que é que nós não podemos levar tempo?"